

---

## EDITORIAL

---

**Regiane Lorenzetti Collares**  
UFC/UFGA

**Luis Celestino de França Júnior**  
UFGA

**Fabio Parode**  
UFC

A presente edição especial da Revista Passagens, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, apresenta uma coletânea de textos que atravessam o tema da melancolia. A chamada “Sobre a Melancolia: estranhezas entre a estética e a política” foi abraçada por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições do país e o que pode ser lido nas páginas do periódico são textos produzidos em instituições diferentes e distantes mostrando como o tema é sensível ao mundo da pesquisa em Comunicação bem como de outras áreas.

Apenas em caráter introdutório, vale uma breve apresentação. A palavra “melancolia” surgiu na Grécia Antiga por volta do século IV A.C. Melancolia, associação de *khole* (bile) e *melas* (negra). A melancolia ocorreria por conta do excesso de uma substância natural, a bile negra. No latim, foi traduzida como “melancholia”. A melancolia (melas: negro e chole: bile) pressupunha desde a Grécia antiga, sendo Aristóteles um dos primeiros autores a abordá-la, um desequilíbrio de humor e as práticas terapêuticas desde então são marcadas por tentativas de se retirar, expelir ou expulsar a bile negra e reequilibrar os humores nos indivíduos acometidos por ela.

Essa compreensão de algo externo que invade o sujeito e pode ser expelido a partir de um tratamento convive ao longo da história com a compreensão de que em alguns sujeitos a melancolia tem um caráter constitutivo, não sendo algo externo ou mesmo localizado numa substância tal qual um líquido negro. O sujeito melancólico abraça seu estado e dele não quer ou não consegue se libertar. Pensamento em excesso

ou doença que leva a pensar, não se sabe o que perdeu na melancolia, bem como não sabe sequer se algo foi perdido.

É possível perceber o caráter ambivalente que há nas leituras sobre a melancolia. A primeira é essa ambivalência entre o torpor paralisante e um lado produtivo e criativo. Durante uma boa parte da história da humanidade, a melancolia viveu essa ambivalência até ser desde o século XVIII patologizada e medicalizada. Sua aura criativa e produtiva foi sendo cientificizada como algo negativo a ser suprimido e se passou a destacar o seu caráter paralisante.

A segunda ambivalência envolve a questão do tempo. O tempo da melancolia é relacionado de formas diferentes por diferentes tradições que a abordaram. O tempo de uma permanência que se instala e aprisiona os sujeitos. O tempo fugidio que leva o indivíduo a euforia e alegria, mas que esconde algo que volta e o relega novamente a uma catatonia paralisante. O tempo da morte ou de um sujeito diante da morte que melancoliza a existência diante de uma finitude que se anuncia. O tempo que se repete ou uma repetição que leva a um aprisionamento do tempo. Num período em que tanto se fala de aceleracionismo, de fusão do tempo, de velocidade, a melancolia resiste com seus tempos próprios.

O tempo da melancolia não só atravessa, mas constitui os modos de subjetivação melancólicos. O tempo da melancolia carrega ambivalências entre finitude e permanência, entre a dor que se inscreve na carne mas que impulsiona tanto a uma paralisia, torpor e apatia quanto a um movimento, deslocamento e a atos de criação. O tempo da melancolia não é cronológico, não é linear e, justamente por isso, é tão difícil apreendê-lo ou mesmo compreendê-lo. O tempo da melancolia é o tempo da espera de um raio que nunca vem, de uma explosão que nunca ocorre, de uma catástrofe que nunca ocorre, justamente porque os seus efeitos são sentidos ao longo de um tempo fluido em que não há um único acontecimento-catástrofe, mas uma catástrofe acontecendo a todo momento.

Seja pelo seu tempo próprio, seja pelo seu caráter ambivalente ora produtivo ora paralisante ou mesmo a sua dimensão polimorfa que toca e atravessa diferentes áreas, trata-se de um tema difícil e desafiador. Esperamos com essa edição ter contribuído com as discussões sobre a melancolia, ressaltando o caráter original de uma abordagem no campo da comunicação sempre permitindo diferentes olhares.

Agradecemos assim a todas/os/es autores que contribuíram com o dossiê Sobre a Melancolia, também ao editor geral da Revista Passagens, Fabio Parode, ao cuidado da editoração de Lara Rocha, a Daniela Lima Barros pela imagem da capa e Camilla K. S Caetano como responsável pela arte da capa.

Gostaríamos, por fim, de agradecer aos participantes do projeto de pesquisa “Modos de Subjetivação e Biopolítica: Vidas em situação de Vulnerabilidade”, pelas discussões, afetos e compartilhamentos. Esta pesquisa, ainda em andamento, conta com apoio e financiamento da FUNCAP.

Esperamos que tenham uma ótima leitura!

Os Editores

---

#### Sobre os autores

##### **Regiane Lorenzetti Collares**

Professora de Filosofia (UFC/UFCA), do PPGFILO (UFC) e do PROF-FILO (UFCA). Coordenadora do Projeto Modos de Subjetivação e Biopolítica (FUNCAP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3066-1163>

##### **Luis Celestino de França Júnior**

Doutor em Comunicação (UFPE). Professor do curso de Jornalismo da UFCA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0312-5063>

##### **Fabio Parode**

Doutor em Estética pela Université de Paris 1 - Panthéon Sorbonne (2005), mestrado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2000). É professor pesquisador em Design, Artes Visuais e Estética, com publicações na área. Realiza pesquisa sobre audiovisual, estética e processos minoritários. É editor-chefe do periódico científico *passagens*. É membro do Grupo de Pesquisa CNPq Semiótica e Estudos da Comunicação - GPESC, liderado pelo profa. Dra. Nísia Martins do Rosário – UFRGS. Realizou pós-doutorado sobre o tema Arte e Design com supervisão da prof. Dra.ICLEIA Borsari Cattani, do programa de pós-graduação em Artes da UFRGS, realizou pós-doutorado na Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades (Comunicação) sobre Estética, Comunicação e Poder com supervisão do prof. Dr. Osmar Gonçalves. Realizou pós-doutorado no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - INCT com coordenação do prof. Dr. Afonso Albuquerque e supervisão do prof. Dr. Diógenes Lycarião Barreto de Sousa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7602-8865>

#### Como citar esse artigo

COLLARES, R. L.; FRANÇA JUNIOR, L. C.; PARODE, F. Editorial. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 16, n. especial, p. 4-6, 2025.

RECEBIDO EM: 23/10/2025

ACEITO EM: 25/10/2025



Esta obra está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional*